

Heterogeneidade e Transformação Espacial no Brasil¹

Zeny Rosendahl, Departamento de Geografia/UERJ.
Roberto Lobato Corrêa, Departamento de Geografia/UFRJ.

RESUMO

Diferentemente do que muitos pensam, o Brasil não é um país culturalmente homogêneo. Dada a sua dimensão territorial, o país apresenta-se profundamente diferenciado no que se refere às condições naturais. Acresce-se um complexo processo de povoamento, ainda não concluído, que contribui fortemente para uma rica heterogeneidade cultural do espaço brasileiro. Dieguez Jr. identifica, na década de 1970, 12 regiões culturais no país.

Processos mais recentes de transformação têm alterado aquelas regiões culturais e levado a uma reavaliação da natureza.

Palavras-Chave

Heterogeneidade Cultural, Regiões Culturais, Geografia Cultural.

Introdução

Conhecido através da mídia e das agências de turismo por seu clima quente e úmido, por suas florestas exuberantes, suas praias de areias brancas e finas, por sua população fortemente mestiça e por sua música sensual, o Brasil, contudo, não é um país homogêneo. Ao contrário, é caracterizado por uma heterogeneidade que, nos últimos trinta anos tem sido marcada por enorme mutabilidade.

A origem desta heterogeneidade está, em primeiro lugar, em sua dimensão territorial. São 8,5 milhões de quilômetros quadrados que se estendem aproximadamente de 5°N a 33°S, tendo ainda ampla extensão ao longo dos meridianos. Isto repercute em uma variedade climática e de tipos de vegetação, incluindo o clima equatorial com a floresta amazônica, o clima tropical com florestas e cerrados, o clima sub-tropical com áreas de vegetação de gramíneas, os campos, e de floresta de pinheiros (araucária), assim como o clima semi-árido, com uma vegetação adaptada, a caatinga. Em outras palavras, a natureza forneceria, através de quadros climato-botânicos diversos, uma base diferenciada que, mais cedo ou mais tarde, contribuiria para uma grande heterogeneidade cultural.

Em segundo lugar, a heterogeneidade advém do complexo, conflituoso e ainda não concluído processo de apropriação do solo. Processo que se caracteriza por uma muito significativa diferencialidade espaço-temporal. Neste processo a população nativa foi largamente exterminada e o que restou foi em grande parte missigenada e incorporada ao escalão inferior da sociedade brasileira. Um muito importante contingente negro, proveniente da costa ocidental africana, foi compulsivamente introduzido no Brasil desde o século XVI.

Ao numeroso contingente português que forneceu a língua e inúmeros traços culturais dominantes, acrescenta-se, especialmente no Sul do país, uma significativa imigração, iniciada na primeira metade do século XIX, de alemães e italianos que ocuparam majoritariamente certas áreas dos Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. O Estado de São Paulo, por sua vez, recebeu

importante contingente de italianos e japoneses durante a primeira metade do século XX (Ribeiro, 1995).

Em terceiro lugar, contribuindo para a heterogeneidade cultural, está o processo desigual de desenvolvimento capitalista que ampliou as diferenças em função de uma industrialização e urbanização espacialmente concentradas. As diferenças existentes levaram Jacques Lambert (1978) a se referir à existência de dois Brasís, um moderno e o outro tradicional.

A partir da década de 1950, e particularmente nos últimos trinta anos, a heterogeneidade que se formara passa por um forte, rápido e contínuo processo dialético em que confrontam-se intensamente ações homogeneizadoras e heterogeneizadoras, nas quais, a despeito de uma forte homogeneização no que se refere às técnicas produtivas, às relações sociais da produção e aos padrões de consumo e comportamento, verifica-se um refazer da heterogeneidade (Browett, 1984), a qual guarda traços da antiga. Foi ela induzida pela globalização, ou seja,

por um novo e mais complexo processo de inserção do Brasil numa economia globalizada. A globalização, entre outros aspectos, abriu e reabriu áreas à ocupação, implicando na criação de fortes correntes migratórias inter-regionais que alteraram quadros regionais estabelecidos há 50, 100 ou 200 anos.

Este artigo intenciona apresentar alguns exemplos da heterogeneidade cultural em um país que exemplifica muito bem a máxima geográfica da diferenciação de áreas. Mas de uma diferenciação que deve ser vista como produto de processos historicamente recentes se pensarmos em termos europeus. Trata-se, pois, de apresentar alguns aspectos da diversidade na unidade que é, em essência, o modo de se analisar a realidade geográfica sob o olhar regional, procurando-se o singular e o particular em sua expressão espacial.

Serão considerados, neste artigo, os seguintes exemplos: as regiões culturais até o final da década de 1960 e algumas transformações espaço culturais pós 1970.

A - AS REGIÕES CULTURAIS ATÉ O FINAL DA DÉCADA DE 1960

Ao reconhecer a heterogeneidade cultural do Brasil pela contribuição de cada grupo envolvido é necessário ressaltar que a simples presença de determinado grupo étnico não confere a existência de contribuição à nossa cultura. Em nosso estudo ressaltaremos a cultura como conceito geográfico proposto por Claval (1995, p. 46).

La culture est la somme des comportements, des savoir-faire, des techniques, des connaissances et des valeurs accumulés par les individus durante leur vie, et, à une autre échelle, par l'ensemble des groupes dont ils font partie. La culture est un héritage transmis d'une génération à la suivante. Elle a ses racines dans un passé lointain et qui plonge dans le territoire où ses morts sont ensevelis et où ses dieux se sont manifestés. Ce n'est pourtant pas un ensemble dos et figé de techniques et de comportements. Les contacts entre peuples de différentes cultures sont parfois conflictuels, mais ils constituent une source d'enrichissement mutuel. La culture se transforme aussi sous l'effet des initiatives ou des innovations qui fleurissent en son sein.

A questão fundamental que se coloca é o *genre de vie* predominante que reflete as necessidades do grupo social. O gênero de vida reflete as relações materiais entre o homem e o meio. O grupo social utiliza diversas técnicas em diferentes tempos e as formas resultantes revelam espaços de mesma cultura, de mesma técnica, de mesmo gênero de vida. Surge, assim, o conceito de região cultural. A diversidade de regiões culturais e suas múltiplas interações, no Brasil, fornecem uma unidade cultural forte que gera Identidade Nacional à população.

Vários intelectuais têm dedicado atenção aos estudos etnográficos através dos elementos culturais no país. A partir de 1930 surgem classificações de regiões culturais no Brasil, ora valorizando a habitação e/ou a alimentação, ora considerando a cultura no sentido mais amplo. Os estudos de Donald Pierson e Mário Wagner Vieira da Cunha são exemplos deste período, e mais tarde Manuel Diégues Junior (1977), ao delimitar as regiões culturais no Brasil, considerou a forte influência da colonização portuguesa no processo de ocupação humana em diferentes localidades. A heterogeneidade de recursos naturais oferecidos bem como a interação étnico-cultural foram aspectos relevantes nessa tipologia.

O autor, com base nos elementos citados, identificou doze regiões culturais, subdivididas em dois grupos: o primeiro decorre da exploração econômica predominante, sendo as regiões dotadas de autonomia definida e organização social integrada; o segundo grupo, em número restrito, inclui as regiões que possuem características culturais próprias que marcam as atividades, mas não foram consideradas como independentes como as primeiras. Fazem parte do primeiro grupo: **1** - o Nordeste Agrário do Litoral; **2** - o Mediterrâneo Pastoril; **3** - a Amazônia; **4** - o Planalto Minerador; **5** - o Centro-Oeste; **6** - o Extremo Sul Pastoral; **7** - as Áreas de Colonização Estrangeira; **8** - a Área do Café; **9** - a Faixa Urbana-Industrial. As três seguintes regiões representam o segundo grupo: **10** - a Área de Cacau no sul baiano; **11** - a Área Salineira no Rio Grande do Norte e Rio de Janeiro; e **12** - as Áreas de Pesca que se estendem pelo litoral brasileiro.

Na classificação de Diégues Junior (1977) as regiões revelam a diversidade cultural desde o século XVI e representam as idéias a respeito dos

padrões especiais, da cultura até a década de 1960. É uma regionalização da cultura até meados da década de 1970.

A partir de então as regiões passam por um longo e profundo processo de desestruturação / reestruturação. Vejamos, então, as diferentes regiões culturais identificadas:

1. O NORDESTE AGRÁRIO DO LITORAL — reconhecido como área de ocupação inicial brasileira e de convergência dos contatos dos portugueses colonizadores com os habitantes da Terra. Caracteriza-se pela formação de núcleos de exploração econômica de determinado produto. O engenho e a usina de açúcar cunharam a paisagem nesta área por longo tempo. A atividade econômica formou a sociedade agrária de grande propriedade, a organização social acentuava o poder do senhor de engenho: pai, marido, patrão-aristocracia de um lado e do outro, a submissão escravista. O negro da África foi o elemento que completou a atividade portuguesa de colonização. A influência de seus valores culturais persiste na cultura brasileira.

O poder religioso do colonizador branco-europeu perdurou do século XVI ao XVII; nas regiões açucareiras do nordeste brasileiro desenvolveu-se um “catolicismo doméstico” centrando no senhor do engenho a responsabilidade de ensinar a religião aos escravos e empregados.

2. O MEDITERRÂNEO PASTORIL — nesta região as grandes fazendas de criação marcaram a paisagem cultural. A ocupação humana foi diferenciada, o que permitiu a Diégues Júnior (1977) classificá-la em 4 sub-áreas: os sertões, os babaçuais e carnaubais; as terras úmidas e o agreste. As atividades de

pecuária, extração vegetal e agricultura associada à criação de gado nortearam a organização espacial das sub-áreas.

A repressão sistemática às crenças tradicionais locais dos habitantes indígenas, foi a estratégia para implantação da religião católica. Esta região cultural conheceu o fenômeno do messianismo popular. No Brasil o misticismo religioso gerou dois tipos de seguidores: os cangaceiros — pessoas que respondem à injustiça com violência; e os fanáticos ou místicos — são aqueles que fornecem as curas, os milagres e, na maioria dos casos, mantêm a coesão e submissão do grupo de adeptos.

3. A AMAZÔNIA — o ambiente natural condicionou a ocupação humana, como também marcou comportamentos de vida social e econômica. Inicialmente a região era povoada por múltiplos grupos indígenas. Os arranjos espaciais impressos pelos costumes, hábitos alimentares, crenças, organização familiar, técnicas de caça e pesca e outros aspectos marcaram as paisagens culturais que, entretanto, foram dominadas pela natureza.

O primeiro catolicismo implantado neste região foi o catolicismo guerreiro, no qual o colonizador e o missionário trabalharam juntos na “expansão do reino português e na conquista de almas”. A dominação violenta imposta pelo europeu traduziu-se no genocídio dos habitantes em guerras de ocupação.

4. O PLANALTO MINERADOR — os pequenos núcleos (arraiais) de mineração foram os suportes sócio-econômico-culturais. O povoamento ocorreu em razão da riqueza em minérios, em especial o ouro que representou, sem dúvida, o mais destacado deles. As formas espaciais religiosas transmitem condições culturais peculiares, como se exemplifica com os altares

dourados nas igrejas barrocas, a arte sacra imponente nas paróquias, e outros simbolismos religiosos, fruto do apogeu do catolicismo mineiro.

A manifestação espiritual e evangélica foi fortemente marcada pelo misticismo religioso. Este tipo de movimento representa a esperança de outra ordem na sociedade, uma alternativa à vida sem injustiças, com distribuição de riqueza igualitária. A conjuntura da época propiciou uma crise religiosa que repercutiu no fortalecimento do poder religioso leigo, destacando-se as confrarias e irmandades.

5. CENTRO-OESTE — a pluralidade de atividades em diferentes tempos de ocupação estampou formas espaciais de características próprias: o período de mineração, a extração vegetal, as fazendas de gado e a agricultura — notadamente numa primeira fase. A partir da segunda metade dos anos 50 a construção da sede político-administrativa do Brasil reorganiza a região cultural. O contraste de habitação, vestimenta e alimentação, entre outros, está fortemente impresso nos grupos sociais na cidade de Brasília.

As interações culturais luso-indígenas, de um lado, e o contato de povos vizinhos de origem espanhola, por outro, notadamente paraguaios e bolivianos, resultaram em atitudes morais e crenças religiosas com autonomia administrativa. No século XVIII a evangelização leiga prevalece na região na figura dos ermitões e beatos. Atualmente a pluralidade religiosa é notável.

6. EXTREMO SUL PASTORIL — a atividade econômica predominante, no início da ocupação humana, foi a pecuária. Predominante por várias décadas, retratou na paisagem as “estâncias”: núcleos pastoris e sócio-culturais de forte influência na vida regional.

Aliado ao elemento português, colonizador, associam-se os missionários da Companhia de Jesus. Os jesuítas possuíam hábitos e valores espirituais comuns também aos povos fronteiriços: paraguaios, uruguaios e argentinos. A conjuntura favoreceu a presença das “missões” ou “reduções” criadas pelos padres jesuítas. As “reduções” eram organizações que tinham o objetivo de evangelizar e civilizar os povos indígenas, gerando centros auto-suficientes, cuja arquitetura, impressa na paisagem, reflete o êxito temporário do movimento religioso.

7. A ÁREA DE COLONIZAÇÃO ESTRANGEIRA — esta denominação dada por Diégues Junior (1977) refere-se ao surgimento, no século XIX, de áreas até então não ocupadas por lusos-brasileiros. Trata-se de imigrantes alemães, italianos, poloneses, russos e, mais recentemente holandeses e japoneses. O processo de integração das culturas foi marcado pela permuta de elementos culturais do país de origem com os padrões já implantados pelos brasileiros, sobretudo a língua portuguesa. A pequena propriedade agrícola representa o núcleo social na paisagem regional. O imigrante, ou como lavrador, artesão rural ou em atividade industrial, reproduz parcialmente seus padrões culturais.

As primeiras comunidades protestantes no Brasil são originárias dessa área, tendo nos alemães os adeptos em maior número. As primeiras igrejas evangélicas fundadas datam do século XIX, em Nova Friburgo e São Leopoldo.

8. A ÁREA DO CAFÉ — a contribuição da expansão dos cafezais no século XIX e na primeira metade do século XX não se restringiu apenas à ocupação dos Estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Espírito Santo, Minas Gerais e

Paraná. Representou forte influência na organização espacial. A fazenda e o sítio de café eram formas espaciais impressas na paisagem das áreas de produção de café. A diversidade cultural pode ser destacada tanto na fase de exploração realizada pelo trabalho escravocrata, como o da atividade exercida pelo trabalho livre do imigrante.

O negro manifestava sua fidelidade à África nas danças, na alimentação e na religião. As práticas religiosas eram duplamente vivenciadas, tanto aos orixás africanos quanto aos santos católicos. A fusão de idéias religiosas tão diferentes por parte da população gerou o fenômeno do sincretismo religioso.

9. A FAIXA URBANO-INDUSTRIAL — esta região origina-se do processo de industrialização que, sobretudo a partir dos anos 50, foi implantado no país. Originou uma área urbano-industrial que, tendo como epicentro a metrópole de São Paulo, inclui a metrópole do Rio de Janeiro, o vale médio do Paraíba, regiões próximas a São Paulo e o eixo urbanizado que se estende de Campinas a Ribeirão Preto.

Novos modos de vida e novos valores, introduziram uma diferenciação que, após 1970, iria se acentuar.

As crenças religiosas são múltiplas. A tolerância religiosa, entretanto, permite uma convivência entre os diferentes credos. É nesta região urbano-industrial, habitada por uma imensa massa de trabalhadores, que se expandem o movimento religioso pentecostal, o qual ganha crescente número de adeptos nas periferias metropolitanas.

10. A ÁREA SALINEIRA — as salinas e as práticas de exploração marinha marcam a paisagem regional de determinadas áreas litorâneas dos Estados do Rio de Janeiro e Rio Grande do Norte.
11. A ÁREA DO CACAU — a região do sul da Bahia possui comportamentos sociais e políticos que a tornam singular, apesar de ter uma atividade econômica que a aproxima de outras áreas agrícolas.
12. A ÁREA DE PESCA — facilmente reconhecida na paisagem pelas habitações e pelos instrumentos e técnicas adotados.

B - ALGUMAS TRANSFORMAÇÕES ESPAÇO-CULTURAIS PÓS 1970

A partir da década de 1970, como resultado das grandes transformações verificadas em escala planetária e identificadas pela palavra globalização, as 12 regiões culturais definidas por Manuel Diégues Junior passam a ser, em maior ou menor grau, alteradas. Assim, a Amazônia é submetida a um forte processo de integração, ainda não totalmente concluído, à economia brasileira e mundial. As implicações espaço-culturais são enormes.

Pretende-se, a seguir, apresentar, brevemente duas das transformações espaço-culturais que afetaram o Brasil após 1970, as quais, com certeza alteram as regiões culturais anteriormente descritas.

(a) A AVALIAÇÃO DA NATUREZA

A natureza é submetida a uma avaliação que é sempre influenciada pela cultura. Seus atributos não são assim absolutos, mas avaliados em razão das

possibilidades econômicas e técnicas, estas consideradas como elementos culturais. A avaliação pode assim ser alterada, originando uma heterogeneidade diacrônica com que a natureza é avaliada. O Brasil, neste sentido, fornece inúmeros exemplos.

As áreas florestais e as de vegetação aberta, como o cerrado e os campos do Sul do país foram, tradicionalmente, desde o período colonial, objetos de uma avaliação distinta. As primeiras eram consideradas, graças à fertilidade original de seus solos, como áreas para fins agrícolas, enquanto as segundas, em razão de solos menos férteis, como áreas pastoris. Estabeleceu-se, assim, uma oposição entre floresta, de um lado, e cerrado e campos, de outro. A modernização da agricultura, verificada sobretudo a partir dos anos 70 estabeleceu uma nova avaliação na qual tanto as áreas florestais como as de vegetação aberta podiam ser ocupadas em razão de atividades pastoris, o que aliás, já se verificava um pouco antes. Como as áreas de cerrado e de campos estão sempre associadas a amplas superfícies planas ou suavemente onduladas, facilitando a mecanização fácil, foi sobre essas áreas que a moderna agricultura, integrada em Complexos Agroindustriais, desenvolveu-se. A implicação foi a enorme valorização das áreas de cerrado e de campos.

Outra alteração significativa diz respeito à oposição, no Nordeste úmido e na Amazônia, entre as áreas de várzea e os interflúvios aplainados. Domínio da agricultura, os solos de várzea, pesados e lamacentos na estação chuvosa, tornaram-se menos valorizados quando, após 1970, descobriu-se o potencial para uma moderna agricultura, mecanizada, nas áreas planas, sejam elas de floresta ou cerrado. Entretanto, no Nordeste semi-árido, as áreas de várzea são ainda valorizadas para fins agrícolas.

(b) OS CONTATOS INTER-REGIONAIS E INTERCULTURAIS

O processo migratório fez-se, tradicionalmente através de duas correntes. De áreas agrícolas, que liberavam excedentes demográficos, para áreas novas, verdadeiras frentes pioneiras, cuja ocupação passava então a se realizar. O oeste paulista, analisado por Pierre Mombeig (1952) é um exemplo clássico. A outra corrente é aquela que tem se destinado às regiões metropolitanas, em muitos casos tornando-as inchadas demograficamente.

A modernização agrícola que se implantou introduziu uma nova corrente. Trata-se de fluxos de excedentes e de produtores com recursos que, a partir de áreas agrícolas antigas, dirigem-se para regiões ocupadas há muito tempo, onde existe um povoamento rarefeito assentado na grande propriedade rural e em atividades extensivas como a pecuária. Nestas regiões uma cultura regional foi longamente elaborada.

Um exemplo nítido é o do Oeste do Estado da Bahia estudado por Rogério Haesbaert (1995), região de cerrado, ocupada com grandes fazendas de gado, e caracterizada por uma cultura eminentemente **sertaneja**, foi, a partir da década de 1970, apropriada por proprietários rurais **gaúchos**, procedentes do Rio Grande do Sul, portadores de uma cultura distinta daquela dos **sertanejos**. Estas diferenças vão se traduzir tanto no modo de falar - no plano léxico, fonético e sintático — como na indumentária e na alimentação. São distintos também no que concerne, em média, ao nível de instrução e aos traços físicos. Os **gaúchos** são vistos como mais cultos, mais ricos e empreendedores que os nativos do Oeste baiano.

Estabeleceu-se uma diferença cultural em um meio até então caracterizado pela homogeneidade cultural. Esta diferença introduz comparações, cria novas contradições e conflitos, mas estabelecem-se novos contatos como aqueles entre os gaúchos, recém-chegados, e as velhas elites regionais. Inicia-se então a formação de uma nova região cultural cujos ingredientes estão colocados no espaço. A proposta de transformação do Oeste baiano em nova unidade da federação brasileira é, então, a expressão política da nova região cultural que se forma.

C. PARA (RE) INICIAR

O presente texto pretendeu apresentar algumas poucas reflexões sobre a heterogeneidade espaço-cultural no Brasil. Esta é, em realidade, uma temática relevante para tornar compreensível a dinâmica espacial da cultura em um país que tem na heterogeneidade uma de suas mais importantes características. Aos geógrafos culturais a tarefa é simultaneamente enorme e estimulante.

Notas

¹Publicado originalmente como *Hétérogénéité Culturelle: Des Exemples Brésiliennes*, em *Géographie et Liberté*, organizado por L. A. Sanguin et J. R. Pitte. Paris, L'Harmattan, 1998.

BIBLIOGRAFIA

BROWETT, John. On the necessity and inevitability of uneven spatial development under capitalism. *International Journal of Urban and Regional Research*. Londres, 8(2). 1984.

CLAVAL, Paul. *La géographie culturelle*. Paris, Nathan Université. 1995.

DIÉGUES JUNIOR, M.. *Etnias e Culturas no Brasil*. 6^a ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira. 1977.

HAESBAERT, R.. Desterritorialização: entre as redes e os aglomerados de exclusão. In: CASTRO, Iná E. et al. (org.). *Geografia: Conceitos e Temas*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil. 1995.

LAMBERT, J. *Os Dois Brasis*. São Paulo. Ed. Brasiliense. 1978.

MOMBEIG, P.. Pionniers et Planteurs de São Paulo. Paris, *Cahiers de la Fondation Nationale de Science Politiques*, 28. 1952.

RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro*. São Paulo, Companhia das Letras. 1995.

Abstract

Despite many impressions, Brazil is not a country culturally homogeneous. Because of its territorial dimension, this country shows off deeply distinct concerning their natural's conditions. Add to the fact a complex settlement process, what is still unconcluded, that contributes strongly for a rich cultural *heterogeneidade* of brazilian territory. Diéguez Junior identifies, on age 1970, twelve cultural regions in the country.

Recent process of transformation has altering those cultural regions and taking to a reevaluation of nature.

KEY-WORDS

Cultural Heterogeneidade, Cultural Regions, Cultural Geography.